

CALVINO E A TRADUÇÃO

Andréia Guerini
Universidade Federal de Santa Catarina
andréia.guerini@gmail.com

Tânia Mara Moysés
Universidade Federal de Santa Catarina
taniamoyses@uol.com.br

Resumo: Este artigo discute alguns aspectos das contribuições do escritor italiano Italo Calvino (1923-1985) para os Estudos da Tradução, através de ideias contidas em seu epistolário e que compreende o período de 1940 a 1981.

Palavras-chave: Literatura italiana, carta, língua, tradução, Calvino.

Abstract: This article discusses aspects related to the contributions of the Italian writer Italo Calvino (1923-1985) to the Translation Studies, through the ideas contained in his epistolary (Lettere 1940-1985 e I libri degli altri: Lettere 1947-1981).

Keywords: Italian literature, letter, language, translation, Calvino.

Os primeiros registros do gênero epistolar se encontram na própria história da tradução, pois a comunicação entre os povos da antiguidade era matéria do trabalho dos intérpretes e tradutores. Como observa Mounin, desde o II milênio a.C., nos estados da Ásia Menor (assírios, babilônios e hititas), era do trabalho dos escribas especializados em línguas que dependia também a correspondência epistolar (1965, p. 31).

Foi Roma o lugar das primeiras reflexões sobre a arte e o ofício de traduzir, a partir das adaptações de Lívio Andrônico, e é importante lembrar que, como a tradução e a correspondência epistolar andam lado a lado, é a carta *Ad Pammachium de optimo genere interpretandi* de São Jerônimo (ca. 395) o documento que rende ao seu autor o epíteto de “patrono dos tradutores” por fechar o período antigo com um “verdadeiro tratado orgânico e teórico sobre a tradução” com referência às teses de Cícero (MOUNIN, 1965, p. 32)¹.

Mounin lembra que foi Cícero a estabelecer o grande problema teórico que dominará a tradução por dois mil anos: se é necessária a fidelidade ao texto, palavra por palavra (tradução literal) ou ao pensamento contido no texto (tradução literária) (1965, p. 31).

Os primeiros anos do século XXI já registram uma grande demanda teórica em estudos da tradução, principalmente em âmbito acadêmico, o que de certo modo é um sinal de pagamento da “dívida” em formular uma *teoria da tradução* que Mounin reclama aos estudiosos da matéria, em meados do século XX (1965, p. 64). Contudo, é importante lembrar que foi o século XX o cadinho a filtrar e revelar o material acumulado nos séculos anteriores com a atividade tradutória, e ao mesmo tempo, a registrar as inúmeras opiniões e teorias referentes à mesma.

Enquanto o livro de Mounin traça o percurso da tradução através dos tempos, trinta e sete anos após sua publicação, uma das respostas do século XX às solicitações do estudioso pode ser representada no livro *Teorie contemporanee della traduzione* (2002), organizado por Siri Nergaard, mediante “critérios metodológicos e rigorosos”, sob os pontos de vista semiótico, literário-poético e filosófico, com três grandes campos de indagação teórica: a *palavra*, o *texto* e a *cultura* (2002, pp. 03-17).

Também como uma resposta a Mounin, e evocando os elos entre tradução e correspondência epistolar, o objetivo do presente artigo é o de reunir algumas hipóteses teórico-críticas de Italo Calvino (1923-1985) sobre tradução literária, expressas em muitas

cartas de seu epistolário, constituído de *Lettere 1940-1985* e *I libri degli altri: lettere 1947-1981*² visto que, além de ser um escritor reconhecido como um dos expoentes do século XX e traduzido em dezenas de línguas, também atuou como tradutor e incentivador da tradução ao cumprir etapas necessárias à publicação de literatura estrangeira em seu trabalho editorial na Editora Einaudi de Turim, inclusive para a coleção *Centopagine*, dedicada a clássicos da literatura estrangeira traduzida³.

Mesmo sem intenção teórica precípua, Calvino não deixa de se ocupar de aspectos dos três campos indicados por Nergaard, por constituírem a matéria-prima da literatura e, conseqüentemente, de seu trabalho como escritor e editor. Ao analisar o desenvolvimento da literatura e das vanguardas no mundo contemporâneo, ele não deixa de considerar a complexidade do ofício do escritor dentro de uma realidade igualmente complexa e em constante mudança. E suas cartas, sob o ponto de vista de serem representativas das várias fases de sua atividade de escritor, harmonizam-se com os seus escritos de ensaísta, inclusive cronologicamente.

O período pós-Segunda Guerra Mundial, que assinala a vida adulta de Calvino como escritor e editor, é fundamental, também, para os debates intelectuais sobre língua e tradução, tanto para a reafirmação da identidade nacional, quanto para facilitar as exigências da vida prática de seus cidadãos. Daí o imperativo de vivificar o italiano como língua falada, e não apenas escrita como atesta seu vigoroso rasto erudito-literário no uso do dialeto florentino de Dante, até a oficialização como língua nacional em 1868⁴.

Também a necessidade de estabelecer os elos com as outras literaturas, por meio de uma efervescência cultural em temas da tradução movimentada a editoria italiana, desde os anos Trinta do século passado, apesar da censura fascista, com a tradução de clássicos da literatura americana, especialmente de traduções feitas por escritores.

É, sobretudo, o grupo de escritores-redatores da Einaudi, que compõe a equipe de Pavese a “dare veste italiana agli autori ameri-

cani e inquadramento critico al senso della loro traduzione”, pois, com Vittorini, Pavese organiza a antologia de contos *Americana* (1941), sequestrada pelo fascismo e reimpressa em 1942, sem as notas e com a “prefazione di [Emilio] Cecchi, meno sgradito al regime, con un ottimo successo di pubblico”(POMA e RICCARDI, t. 3, 2001, pp. 964-965)⁵.

O primeiro trabalho de Calvino como tradutor se dá aos 24 anos, em 1947, ano de sua formatura no curso de Letras da *Universidade de Turim* quando, incentivado por Cesare Pavese, aceita o desafio de traduzir Joseph Conrad, cuja obra será também o tema de sua *tesi di laurea*, como atesta em carta de 19 de março de 1947 a Silvio Micheli: “Io ho cominciato un nuovo mestiere: il traduttore. Farò *Lord Jim* di Conrad per Einaudi. Il buffo è che so malissimo l’inglese, ma Pavese dice che ne basta di traduttori che non sanno scrivere in italiano e s’impegna di rivedermi le bucce” (L, p. 184).

Observa-se, então, a primeira lição vinda de Pavese, ao qual Calvino sucederá no trabalho editorial: o necessário conhecimento da língua de chegada⁶ e a revisão competente, tanto que, três dias depois, em carta de 22 de março de 1947, o jovem tradutor reitera suas impressões a Marcello Venturi:

[...] ho provato e mi son divertito tanto che ho accettato e ho fatto il contratto [...] Pavese s’impegna a rivedermi la traduzione parola per parola, per non farmi far brutte figure. Avrò da sgobbare, ma ho tutto l’anno di tempo, e così potrò imparare bene a tradurre dall’inglese, sotto la guida di Pavese (L, p. 187).

É importante dizer que a ascendência clássica leopardiana de Calvino, testemunhada em várias cartas e em *Lezioni americane: sei proposte per il prossimo millennio* (1988)⁷, se manifesta também aqui, a esta altura talvez ainda imperceptivelmente, através de Pavese, pois Leopardi, em uma carta a Pietro Giordani de 29 de dezembro de 1817, expõe

uma concepção muito original e independente, defendendo a prática da tradução para o escritor iniciante [pois] é traduzindo [os clássicos gregos e latinos] que se aprende a compor com estilo. [...]. Mas no caso de ser escritor e escrever bem, a probabilidade de uma boa tradução é bastante alta, pois a tradução de qualidade é obra do escritor maduro. Essa ideia é importante para o treinamento de tradutores, porque a ênfase recai na composição na língua alvo, não na decodificação, como em geral acontece (GUERINI, 2007, p. 129).

Beneficiado com a lição pavésiana e vivendo a experiência da tradução logo no início da carreira, a partir dos anos Cinquenta, o trabalho editorial assumido após a morte de Pavese exige de Calvino a busca de tradutores, a negociação de prazos e remunerações e a revisão de traduções. Embora numa posição difícil, pois também voltada ao mercado livresco, Calvino sabe reconhecer a necessidade de tempo para o trabalho tradutório, como orienta a Michele Rago em uma carta de 12 de janeiro de 1952: “[...] fallo bene, con calma. Se hai bisogno d’un altro mese ancora te lo diamo purché venga una bella traduzione (Lda, p. 61) – sobre sua tradução de *Le Confessioni* di Rousseau (Einaudi, 1955).

Um trabalho de fôlego vem reunir em Calvino as duas atividades principais de sua vida intelectual, isto é, as de escritor e editor: é o projeto editorial de *Fiabe Italiane* (1956), cujo objetivo é colaborar com o esforço de disseminação da língua italiana, que trará também subsídios ao debate entabulado nos anos Sessenta com Pasolini sobre o italiano e os dialetos. De 1954 a 1956, Calvino se dedica ao projeto que tem como objetivo “[la] scelta e trascrizione di duecento racconti popolari delle varie regioni d’Italia dalle raccolte folkloristiche ottocentesche, corredata da introduzione e note di commento (BARENGHI E FALCETTO, in CALVINO, L, pp. LXVII).

Como se observa, o trabalho é definido por seus mais conhecidos biógrafos como “transcrição”, porém, uma análise da elaborada introdução ao livro e das notas ratificadoras da diversidade

dialetal presente na cultura italiana com a qual Calvino teve que lidar, permite-nos ponderar que a coletânea exigiu dele um esforço que poderíamos situar em uma longa linha entre as traduções intralinguística e interlinguística, como definidas por Jakobson no seu célebre ensaio “Aspectos linguísticos da tradução”, diante dos movimentos, ora de proximidade, ora de distanciamento entre o dialeto de determinada fábula e a língua italiana.

Assim, pode-se dizer que, na verdade, Calvino se dedica, naqueles anos, à *prática tradutória* ao reescrever em italiano “calviniano” a coletânea das 200 fábulas. E é o próprio escritor a confirmá-la em longa carta-resposta (abril/1967) a um aluno inglês interessado em um trabalho sobre sua obra. Pois, diante da pergunta sobre qual italiano escreve, ele responde:

Per sapere che italiano scrivo non c'è che studiare linguisticamente mia raccolta di *Fiabe italiane*; le ho tradotte da tutti i dialetti, cercando di trovare uno stile *italiano* [grifo no original] comune e nello stesso tempo lasciar affiorare qualcosa del loro aroma dialettale, dov'era possibile; quindi si può analizzare quel tanto che c'è di mio (L, p. 950).

Além de considerar seu trabalho uma *tradução*, Calvino situa a língua italiana como instrumento comunicativo e estilístico do tradutor. Poucos anos depois, o princípio é defendido por ele publicamente (o que reforça o tema presente também em várias cartas de cunho particular), em debate com Pasolini, defensor do dialeto como expressão genuína de um povo, livre da opressão neocapitalista simbolizada pela língua “oficial”. Nos ensaios *L'italiano, una lingua tra le altre lingue* e *L'antilingua*, ambos de 1965, Calvino defende a tese de que qualquer língua e, neste caso a italiana, deve ser vista como um instrumento de *traduzibilidade da linguagem* do escritor a serviço da *comunicação*, como uma característica estilística que se impõe para que o italiano possa ser uma “moderna língua européia” (Saggi, 2001, pp. 146-159)⁸.

Depois da experiência de *Fiabe italiane*, em que foi beneficiado pelo auxílio erudito de quatro professores (pesquisadores, etnógrafos e museólogos) (2006, p. LIII), e provavelmente já impregnado do espírito de equipe resultante do *modus operandi* da Einaudi, Calvino começa a desenvolver um hábito de parceria crítico-colaborativa que se refletirá tanto na relação com seus tradutores, quanto em sua atuação como tradutor, por meio de consultas e aportes tanto de esclarecimentos, quanto de pesquisas atinentes ao tema do livro a traduzir. Em seus estudos, Calvino se interessa pela linguística de Saussure, pela antropologia estruturalista de Lévy-Strauss, pela semiologia de Roland Barthes, pelas teorias da tradução, ainda mais porque é o organizador da publicação de Mounin (1965) pela Einaudi.

No mesmo ano da publicação de *Les fleurs bleu* de Queneau, Calvino escreve a Franco Quadri (em abril de 1965), que traduzia *Sally Mara* do escritor francês. Apesar de considerá-lo a princípio “intraduzível” por ser um livro sobre o uso do francês por quem fala inglês, Calvino muda de idéia: “*sebbene intraducibile per definizione, il testo è più traducibile di quanto non appaia da questa prima prova*”. Para ele, as línguas envolvidas, se transpostas totalmente para a de chegada, reclamariam a escrita de um outro livro – “un problema che potrebbe costituire un nuovo capitolo ai libri di Mounin” (L, p. 863-864).

Assim, é o próprio Calvino a demonstrar suas preocupações de cunho teórico, quando escreve a Quadri: “Mi sono messo a riflettere su una possibile giustificazione teorica di un tale lavoro, cioè su un metodo che ci permetta di sapere chiaramente cosa facciamo” (L, p. 864). Portanto, diante das considerações calvinianas na carta acima, sobre como traduzir o plurilinguismo em Queneau, podem-se colher algumas possíveis *teorias* para os estudos de tradução, tais como:

- realizar uma tradução, dentro, forçosamente, de uma margem de arbitrariedade, com característica de pastiche lin-

guístico, centrada na língua de chegada para o texto que não for escrito pela personagem, com a manutenção da língua original para os trechos que, ao contrário, caracterizarem uma sua escolha;

- o não-desperdício de meios expressivos para os usos de *argot* que não sejam significativos;
- nas questões de intertextualidade, quando não reconhecida a autoria, a manutenção de citações literárias na língua original, para não perder o espírito do texto;
- procurar traduzir frases baseadas em jogos fonéticos ou onomatopéicos, dentro do mesmo estilo;
- manter a grafia fonética;
- ler o texto com uma pessoa da língua de partida, que tenha “l’orecchio avvertissimo” para saber tudo sobre cada frase a fim de decidir o que traduzir e o que descartar (L, pp. 864-865).

Para Calvino, o ideal seria que a tal pessoa de “ouvido fino” fosse o autor em pessoa, pois é o que a sua experiência de autor traduzido recomenda:

La mia scrittura è ben lontana dalla complessità di Queneau, ma quando no ho l’occasione ed il tempo di spiegare al traduttore quello che ho messo in ogni frase (cioè, sempre: mi è riuscito di farlo solo una volta) vengo tradotto solo diciamo al 45% (L, pp. 865-866)⁹.

Calvino decide, então, experimentar as teorias que elabora a partir da leitura de Mounin, ao traduzir *Les fleurs bleues* (1965)

de Queneau, ou seja, *I Fiori blu* (Einaudi, 1967). Então, segundo Federici, “paradossalmente [...] piega [le teorie] ai propri fini, alternandole con il vecchio sistema delle belle infideli, [ottenendo] un nuovo ibrido a metà tra una traduzione fedele a Queneau e la scrittura ex-novo di un romanzo alla Calvino”¹⁰. Aliás, é o próprio Calvino a imprimir tal característica à referida tradução, em carta de 05 de dezembro de 1980 a Domenico D’Oria; “[...] molto m’avrebbe fatto piacere una sua analisi della mia traduzione in italiano (le uniche che sono in grado di fare) dei *Fleurs bleues* di Queneau, dove il contributo di invenzione ex-novo è molto” (L, p. 1443).

De certo modo, Calvino renova as idéias contidas na carta a Quadri sobre *Sally Mara* na *Nota del traduttore* que finaliza o volume de *I fiori blu* pois, não obstante as dificuldades formais apresentadas pelo original, ele vê-se envolvido em uma “traduzione ‘inventiva’ (o per meglio dire ‘reinventiva’) che è l’unico modo d’essere fedeli a un testo di questo tipo”:

Appena presi a leggere il romanzo, pensai subito: ‘È in-traducibile!’ e il piacere continuo della lettura non poteva separarsi dalla preoccupazione editoriale, di prevedere cosa avrebbe reso questo testo in una traduzione dove non solo i giochi di parole sarebbero stati necessariamente elusi o appiattiti e il tessuto di intenzioni allusioni ammicchi si sarebbe infeltrito, ma anche il piglio ora scoppiettante ora svagato si sarebbe intorpidito ... (2008, p. 266).

Contudo, quem espera encontrar ali um tratado sobre as soluções aos vários problemas de tradução, encontrará aproximadamente dez páginas, sendo quatro delas dedicadas a alguns comentários (nomes próprios, trocas de registro, citações escondidas no texto, localismos contemporâneos, expressões, jogos e ironias do *argot* popular), enquanto as restantes são dedicadas ao contexto, isto é, “[al]l’identità tra storia e attualità, tra cultura e senso comune” e

ao título do livro, que explicita com erudição. Nas últimas páginas, Calvino reforça a idéia do que já havia considerado como a tática mais importante, ou seja, “la fortuna di poter consultare l’autore, a voce e per lettera” (2008, pp. 269-270), além de demonstrar suas principais buscas bibliográficas de interpretação do romance.

Se atualmente os estudos de tradução discutem uma deontologia profissional (Eco, 2003), o assunto já recebera uma codificação de Etienne Dolet em 1540, o qual trabalha com a noção de sentido, pois “é preciso que o tradutor entenda perfeitamente o sentido e a matéria do autor a ser traduzido; pois com tal compreensão sua tradução nunca será obscura [...]” (2004, p. 15).

Mais de quatrocentos anos depois de Dolet, em outra carta a Franco Quadri (01 de abril de 1965), Calvino revela também preocupação com a visibilidade do tradutor, antecipando as teorias de Venuti, pois, ao valorizar o *bom tradutor* que merece “honrarias” como a do próprio nome inscrito no frontispício da obra traduzida, critica o papel dos editores cúmplices do *tradutor medíocre* e deixa claro que, naqueles tempos, os gráficos faziam sozinhos o trabalho de paginação e, assim, o tradutor muitas vezes ficava esquecido (Lda, p. 513)¹¹. Nessa mesma carta, Calvino insiste em uma tradução de Quadri para *Petite cosmogonie portative* (1950) “[...] una cosa di Queneau cui tengo io personalmente più che ai romanzi” (Lda, p. 513), que, entretanto, só ocorrerá nos anos 1977-1980 através de Sergio Solmi, a quem Calvino convence de aceitar o trabalho, assegurando-lhe sua colaboração.

Muito provavelmente pela experiência de longos anos como editor e, em consequência, como revisor de traduções, Calvino materializava de próprio punho suas sugestões aos tradutores, inclusive adentrando na *tradução poética*, como demonstram várias cartas endereçadas a Solmi, referentes à *Piccola cosmogonia portatile* (1982), através das quais envia suas meticulosas contribuições ao trabalho de revisão.

Embora parecendo não teorizar, Calvino acaba teorizando, porque cada sugestão tem uma explicação baseada no estilo do autor,

no contexto de criação da obra, nos seus conhecimentos de botânica, ciências e métrica, e também na consulta a enciclopédias e dicionários. Ele reconhece as dificuldades do trabalho em várias cartas, como nas de 06 de novembro de 1977 e 27 de agosto de 1980, destinadas, respectivamente, ao tradutor e a Guido Neri:

Dei problemi che m'hai proposto ce n'è alcuni davvero difficili e non sono riuscito a risolverli tutti. È un testo davvero complicato, pieno di rebus enciclopedici. Ho molta ammirazione per il coraggio con cui l'hai affrontato, e molta curiosità di veder come hai portato a termine l'impresa (L, p. 1353).

Lavori editoriali: sto faticosamente rivedendo la traduzione dell'ottantenne Sergio Solmi alla *Petite Cosmogonie* di Queneau, bella come versificazione ma con tutte o quasi le crittografie scientifiche da risolvere e riscrivere in versi solmiani (L, p. 1434).

É importante observar que Calvino se refere aos versos como *solmiani*, chamando a atenção sobre o valor do papel do tradutor, como criador de uma estética poética. Não chega a negar a tradução poética, mas pode-se dizer que se aproxima da idéia de Croce sobre a “intraduzibilidade da evocação”, a partir da noção de obra de arte como *única* (2005, pp. 206-216). Acrescente-se o fato de que supõe também a necessidade de uma relação intelectual íntima entre tradutor e autor, o que se harmoniza com o que já dissera, em carta de 17 de maio de 1967, à tradutora Amelia Rosselli, quando distingue, o *tradutor qualitativo* do *tradutor quantitativo*, o que implica a questão da *ética profissional*:

Le traduzioni di poesia, come sai bene, sono un po' come scrivere poesia in proprio; bisogna portarsi dietro un autore per molto tempo e ogni tanto tentare un assaggio. Tu invece

mi mandi un elenco di libri di poesia molto diversi tra loro, perfino antologie.

Capisci che non posso presentare ai colleghi questa lista: ti qualificerebbero subito come una traduttrice eclettica, che lavora quantitativamente; mentre, conoscendoti, so che sei agli antipodi dai traduttori di questo tipo, che pure esistono anche in poesia, e dai quali cerchiamo di tenerci lontani. Un lavoro che stia a cuore a te, anche se si tratta d'un autore minore o di poco volume, cioè una traduzione che sia un po' un libro *tuo*, è sempre una proposta seria: l'editore può essere interessato o no, ma è qualcosa di concreto su cui si può discutere. Io ti consiglio d'orientarti su proposte di questo tipo (L, p. 955).

Ao retomar a questão ética do ofício de tradutor, é significativo o fato de Calvino zelar por seus escritos não se omitindo de corrigir seus tradutores, como atesta a carta de 07 de abril de 1959, endereçada a Vera Frank, editora da tradução americana de *Il barone rampante*, a quem reclama sobre o andamento geral da prova de tradução (L, p. 589). É também muito *visível* e *exato* ao responder-lhes sobre dúvidas no momento da tradução, como atestam as cartas endereçadas a Despina Miladoveanu (08 de junho de 1964), sobre os nomes próprios em *Il cavaliere inesistente*; Esther Benítez (28 de fevereiro de 1975), sobre o título de *Il visconte dimezzato*; e Gaio Sciloni (19 de janeiro de 1977) sobre *I nostri antenati*, respectivamente tradutores de línguas romena, espanhola e hebraica (L, pp. 814-817; 1267-1269; 1327-1328). Ao último, envia uma edição anotada de *Il barone rampante*, para auxiliá-lo na tradução:

Sono molto contento che i miei tre romanzi fantastici stiano per essere tradotti in Israele. Mi rendo conto delle difficoltà che Lei deve affrontare nella traduzione. Sono a Sua disposizione. Mi scriva per tutti i dubbi che può avere, cercherò di aiutarla come ho fatto per i traduttori nelle altre lingue (L, p. 1327).

Ao voltar à relação entre carta e ensaio mencionada no início deste artigo, é precisamente sobre tradução a carta-ensaio de Calvino endereçada à revista *Paragone*, que a publica com o título *Sul tradurre* (Saggi, 2001, pp. 1776-1786). Escrita por Calvino entre 10 e 15 de outubro de 1963, como “collaboratore di casa editrice”, e em protesto à crítica de Claudio Gorlier à tradução de Adriana Motti para *Passage to India*, de E. M. Forster, “per rendere giustizia a una delle nostre traduttrici migliori” (L, p. 756).

Um ponto fundamental nela abordado e que serve à tradução em qualquer língua é a necessidade de uma *crítica da tradução com responsabilidade técnica absoluta*, para evitar que, por causa de duas linhas, o crítico liquide com a tradução, sem ao menos confrontar o texto, sem entender as dificuldades afrontadas pelo tradutor. Ali estão argumentações sobre as características necessárias a um *bom tradutor* que retomam a questão linguística, do ponto de vista das línguas de partida e de chegada. Não basta, segundo Calvino, conhecer bem a língua estrangeira, é preciso também possuir:

quelle doti di agilità, sicurezza di scelta lessicale, d'economia sintattica, senso dei vari livelli linguistici, intelligenza insomma dello stile (nel doppio aspetto del comprendere le peculiarità stilistiche dell'autore da tradurre, e del saperne proporre equivalenti italiani in una prosa che si legga *come fosse stata pensata e scritta direttamente in italiano* [grifo no original]: le doti appunto in cui risiede il singolare genio del traduttore. Insieme alle doti tecniche, si fanno più rare le doti morali: quell'accanimento necessario per concentrarsi a scavare mesi e mesi sempre dentro quel tunnel [...] della follia le ineffabili dolcezze e la logorante disperazione... (L, pp. 756-759).

Novamente se encontra na carta acima uma menção a Leopardi, mas também a Borges, quando Calvino afirma que a tradução é um exercício necessário não somente aos críticos, mas também aos bons leitores, pois “si legge [grifo no original] veramente un

autore solo quando lo si traduce, o si confronta il testo con una traduzione, o si paragonano versioni in lingue diverse”. Ao mesmo tempo evoca a “scorrevolezza espontaneità e non pedanteria e non preziosità” linguística (L, pp. 760; 763).

Na mesma carta, Calvino afirma que o papel da editoria, ao escolher livros estrangeiros, deve ser uma troca entre as partes envolvidas: “la letteratura straniera ci dà un autore e noi le diamo la nostra elezione, la nostra conferma, che è pure un ‘valore’ proprio in quanto è frutto d’un gusto e d’una tradizione diversi”. Segundo ele, o objeto verdadeiro da crítica deve ser o *livro*, e ao leitor “sarebbe pedagogia migliore l’insegnargli ad affrontare il libro aprendolo alla prima pagina” (L, pp. 766- 767).

Dez anos após essas formulações, Calvino reclama a necessidade da *tradução como matéria de estudos acadêmicos*, como se pode observar na carta de 07 de novembro de 1973 a Sergio Perosa, prefaciador de traduções de Henry James para *Centopagine*: “[...] se l’Università riuscisse a preparare dei buoni traduttori, e dei buoni revisori di traduzioni... Ma questi sono sogni” (L, p. 1220).

Coincidentemente a partir do artigo *The name and nature of translation studies* (1972), de James S. Holmes, a matéria sempre nova da tradução será mapeada como a disciplina acadêmica dos *Estudos da Tradução* (ET) que, aberta à interdisciplinaridade, passa a ter seu espaço próprio nas universidades.

E esta contemporaneidade do pensamento de Calvino sobre tradução está atestada no ensaio *Tradurre è il vero modo di leggere un testo*, escrito para um congresso ocorrido em Roma em 1982, que contém a sua definição de tradução, muito ligada à relação entre o autor e o tradutor:

Tradurre è un’arte, il passaggio di un testo letterario, qualsiasi sia il suo valore, in un’altra lingua richiede ogni volta un qualche tipo di miracolo [...]. Il traduttore letterario è colui che mette in gioco tutto se stesso per tradurre l’intraducibile. [...]. Tradurre è il vero modo di leggere un testo; questo credo sia stato detto già molte volte. Posso ag-

giungere che per un autore il riflettere sulla traduzione d'un proprio testo, il discutere col traduttore, è il vero modo di leggere se stesso, di capire cosa ha scritto e perché.[...]. Sapere entrare in contatto con lo spirito della lingua, lo spirito delle due lingue, sapere come le due lingue possono trasmettersi la loro esistenza segreta. Io credo molto nella collaborazione dell'autore con il traduttore (*Saggi*, 2001, pp. 1825-1831).

A morte prematura impediu novas reflexões de Calvino, mas daquelas formuladas ao longo de sua criação literária e de seu trabalho editorial se depreende a atualidade de suas ideias sobre tradução, através das características designadas também pelos estudiosos da *segunda* e da *terceira* gerações, conforme a divisão didática di Nergaard, que diligenciavam *a tradução como teoria* que “non sia né científica né prescrittiva, privilegiando i testi letterari” (nos anos 70-80) e o desenvolvimento de tal disciplina (nos anos 80), através de estudos “più istituzionali [...] con la nascita di corsi universitari in *teoria della traduzione* o *translation studies*, di pubblicazioni e studi, di conferenze e seminari” (2002, pp. 10-13).

A partir da leitura das ideias de alguns dos estudiosos constantes do livro organizado por Nergaard, pode-se observar que Calvino articula uma ideia de tradução que permite a reflexão e, sobretudo, a relação com estudiosos das três gerações, que tratam os mesmos aspectos da tradução, sob pontos de vista muito diversos, devindo ao seu orientamento intelectual, mas igualmente válidos, tais como: o problema da interpretação (Jakobson; Eco; Gadamer); o jogo do processo decisional por que passa o tradutor, representado por suas escolhas (Levý); a influência do contexto sobre o texto (Lotman); as razões do intraduzível (Meschonnic); a intenção do texto e a deontologia profissional (Eco); a tradução como uma “escritura produtiva gerada pelo texto original e a essência secreta das línguas” (Derrida; Benjamin) (NERGAARD, 2002).

Pode-se dizer que a colaboração do autor com o tradutor, proposta e exercitada por Calvino, ao mesmo tempo em que reafirma

as ideias de Bakhtin sobre o contexto ideológico e social em que se insere o discurso literário (2004), evoca as de Mounin que considera “la visione del mondo di ogni uomo [...] in certo qual modo predeterminata dalla sua lingua” (1965, p. 88).

Ao longo de sua atividade literária, ao entrelaçar *língua e tradução* sob um ponto de vista que poderia ser classificado como pluridimensional, Calvino, fiel à sua ideia de *clássico sempre aberto à novidade da releitura*, parece antecipar o que viria a afirmar na última entrevista, à filóloga Maria Corti (enviada por escrito e anexa à sua última correspondência epistolar de 05 de setembro de 1985), publicada postumamente como ensaio com o título *Entrevista a Maria Corti*: “è abbastanza naturale che le idee in circolazione mi abbiano influenzato, talora tempestivamente, talora con ritardo. L’importante sarebbe aver pensato in anticipo qualcosa che sia poi servita anche agli altri” (*Saggi*, 2001, p. 2928).

Notas

1. Como observa Furlan, essa “carta é uma grande defesa da tradução pelo sentido em função do conteúdo”, deslocando o foco de atenção do texto de chegada (característico da tradução entre os romanos) para o texto de partida e “insistindo no respeito à *ueritas*” [...] (2003, p. 14).
2. Todas as citações das obras acima serão apresentadas, respectivamente, nas formas L e Lda, de uso comum na literatura crítica calviniana, seguidas do(s) número(s) da(s) página(s).
3. O vínculo de Calvino com a Einaudi se estabelece de 1947 a 1983: como funcionário a partir de 01.01.1950 e como diretor de 01.01.1955 a 30.06.1961. Desse período em diante, trabalha como consultor editorial, embora também tenha sustentado um trabalho orgânico como responsável pela coleção *Centopagine*, iniciada com a publicação de *Fosca* de Igino Ugo Tarchetti em 1971 e terminada

em 1983 com *Una vita londinese* de Henry James (TESIO, Giovanni. Nota al testo. In: Lda, p. IX).

4. A Itália é um país politicamente novo, cuja unificação se deu em 1861 como Reino da Itália, sob a coroa dos Savóia. A instituição da república ocorreu somente em 1946. O italiano ou dialeto florentino foi por séculos apenas língua literária, oficializado como língua nacional em 1868 com a nomeação pelo *Ministro della Pubblica Istruzione*, Emilio Broglio, de uma comissão, presidida por Alessandro Manzoni, que escolheu o dialeto florentino como língua nacional. Porém somente com a grande onda migratória sul-norte no país, por conta do *boom* econômico do norte após a Segunda Guerra é que a língua passou a se difundir, graças também à chegada da televisão nos anos Cinquenta. Portanto, o empreendimento confiado a Calvino pela Einaudi tinha muito a ver com a tentativa de unificação linguística que foi tema de debate e reflexão ao longo dos séculos por parte de escritores como Dante, Petrarca, Boccaccio (séc. XIV); Machiavelli, Ariosto, Bembo (séc. XVI); Leopardi e Manzoni (séc. XIX); Calvino, Pasolini, Vittorio Sereni, Elio Vittorini, Franco Fortini e outros (século XX). Para maiores informações ver:

MIGLIORINI, Bruno. *Storia della Lingua Italiana*. 10ª ed. Milano: Bompiani, 2002, pp. 90- 615.

LANUZZA, Stefano. *Storia della lingua italiana*. Roma: Newton Compton, 1994.

5. A coleção *ET Scrittori* da Einaudi abriga títulos da tradição de “escritores tradutores de escritores”, tais como as traduções de Primo Levi, Natalia Ginzburg, Leonardo Sciascia, Italo Calvino e Pier Paolo Pasolini para, respectivamente, *Il processo* de Kafka, *La signora Bovary* de Flaubert, *Candido* de Voltaire, *I fiori blu* de Queneau, *L’Orestide* de Eschilo (POMA E RICCARDI, t. 3, 2001, p. 965).

6. A necessidade de conhecer bem a língua italiana já se anuncia no futuro escritor, ainda com quando aconselha métodos de estudo ao irmão (por meio de carta ao pai, Mario Calvino, em 06 de fevereiro de 1942): “Concentra i tuoi sforzi sull’italiano che è la materia che conta di più” (L, p. 31).

7. Trata-se de uma influência que Calvino confessa literalmente em seu epistolar, como na carta a Antonio Prete de 10 de março de 1984 sobre a resenha de

Palomar (1983), o último livro: “sono contento anche dei riferimenti leopardiani perché le *Operette morali* sono il libro da cui deriva tutto quello che scrivo” (L, p. 1512). Em *Lezioni americane*, Leopardi é o autor mais citado: “o escritor e ensaísta Italo Calvino fará muitas referências não só ao poeta Leopardi, mas também ao prosador e, principalmente, ao ensaísta do Zibaldone” e sua obra está na base de argumentação das *lições sobre leveza, rapidez e exatidão* (GUERINI, 2007, pp. 48-49).

8. Segundo Angela Molteni, uma pesquisa patrocinada pela Unesco (2002), que “si basa infatti sul numero di studi dedicati agli scrittori italiani del secondo dopoguerra da parte di quaranta centri universitari di italianistica sparsi nel mondo” e é publicada na Itália pelos editores Salerno, apresentou uma lista de classificação, tendo em primeiro lugar *ex aequo* Pier Paolo Pasolini e Italo Calvino com 100 trabalhos de pesquisa, seguidos por Eugenio Montale com 86, Carlo Emilio Gadda com 65, Umberto Eco com 59, Mario Luzi com 52, Antonio Tabucchi com 41, Alberto Moravia com 47, Cesare Pavese com 32, Franco Fortini e Dino Buzzati com 28: “Anche se il valore di Pasolini, Calvino, Montale e Gadda, tanto per citare i primi quattro, è fuori discussione, non è detto che siano soltanto le scelte universitarie a determinare una sorta di ‘scala di valori’: vi sarebbe certamente anche l’elemento costituito dai lettori, il cui gradimento in ultima analisi è essenziale per decretare il successo nel tempo di uno scrittore. Ma di tale aspetto la ricerca non ha tenuto conto. Tutto ciò che può essere indicato dalla classifica è che il linguaggio di questi autori è capace di superare i patri confini [grifo nosso], anche se i dialetti geniali di Gadda o le lingue friulana e borgatara di Pasolini non sono proprio universali; il che non è poco in tempi di globalizzazione e di crisi delle identità”.

MOLTENI, Angela. *La poesia: Pasolini e la poesia dialettale*. [Casa Moretti, Cosenatico - Seminario del 7-8 marzo 2002]. Disponível em: <http://www.pasolini.net/poesia_dialettale.htm>. Acesso em 30 set. 2009.

9. A Einaudi desistirá do projeto e *Il diario di Sally Mara* será publicado somente pela Feltrinelli (1991), na tradução de Leonella Prato Caruso (L, n. 3, pp. 866-867).

10. FEDERICI, F. Italo Calvino comincia a tradurre Raymond Queneau: la traduzione creativa di un incipit. *The Department of Italian Studies, reading University and Department of Italian, Cambridge University, 2007. The Italianist*, 27 (1), pp. 80-98. Durham University Research Online (deposited in DRO: 28 april 2009). Disponível em: <<http://dro.dur.ac.uk/4800/1/4800.pdf>>. Acesso em 30 set. 2009.

11. A carta trata, entre outros assuntos, da coletânea *Ricerca letteraria*, na *Serie Straniera*. Naquele ano, foram publicados os primeiros títulos, entre os quais *Come è* de Samuel Beckett (tradução de Franco Quadri).

Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.

CALVINO, Italo. *Lettere (1940-1985)*. A cura di Luca Baranelli. Introduzione di Claudio Milanini. Cronologia a cura di Mario Barenghi e Bruno Falcetto. 2ª ed. Milano: Mondadori, 2001.

_____. *I libri degli altri (Lettere 1945-1981)*. Giovanni Tesio (A cura di). Nota di Carlo Fruttero. Torino: Einaudi, 1991.

_____. *Saggi 1945-1985*. A cura di Mario Barenghi. Introduzione di Mario Barenghi. 3ª ed. V. I e II. Milano: Mondadori, 2001.

_____. *Perché leggere i classici*. 12ª ed. Milano: Mondadori, 2006.

_____. *Lezioni americane: sei proposte per il prossimo millennio*. 17ª ed. Milano: Mondadori, 2003.

_____. *Fiabe italiane: raccolte dalla tradizione popolare durante gli ultimi cento anni e trascritte in lingua dai vari dialetti da Italo Calvino*. Introduzione di Italo Calvino. v. I, II e III. 18ª ed. Milano: Mondadori, 2006.

_____. *I nostri antenati*: Il visconte dimezzato, Il barone rampante e il cavaliere inesistente. 10 ed. [Milano]: Garzanti, 1985.

CROCE, Benedetto. *Intraducibilità della rievocazione*. Clássicos da Teoria da tradução. V. 3. Italiano-Português. Tradução de Rodolfo Ilari Jr. Florianópolis: UFSC/CCE/Núcleo de Tradução, 2005, pp. 206-216.

DOLET, Etienne. *A maneira de bem traduzir de uma língua para outra (1540)*. Clássicos da Teoria da tradução. Vol. 2. Francês-Português. Tradução de Pierre Guisan. Florianópolis: UFSC/ CCE/Núcleo de Tradução, 2005, pp. 14-21.

ECO, Umberto. *Dire quasi la stessa cosa*: esperienze di traduzione. Milano: Bompiani, 2003.

FURLAN, Mauri. *Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente*: os romanos. Cadernos de tradução. N. VIII. Florianópolis: UFSC/CCE, Núcleo de Tradução, 2001/2, pp. 11-28.

GUERINI, Andréia. *Gênero e tradução no Zibaldone de Leopardi*. São Paulo: EDUSP; Florianópolis: UFSC/PGET, 2007.

HOLMES, James S. The Name and Nature of Translation Studies. In: *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi, 1972/1988.

LANUZZA, Stefano. *Storia della lingua italiana*. Roma: Newton Compton, 1994.

LEOPARDI, Giacomo. *Epistolario*. A cura di Franco Brioschi e Patrizia Landi. Vol. I. Recanati: Bollati Boringhieri, 1998.

_____. *Le prose morali*. A cura di Ildebrando Della Giovanna. Presentazione di Giuseppe de Robertis. Firenze: Sansoni, 1957.

MIGLIORINI, Bruno. *Storia della Lingua Italiana*. 10ª ed. Milano: Bompiani, 2002.

MOUNIN, Georges. *Teoria della traduzione*. Traduzione di Stefania Morganti. Torino: Einaudi, 1965.

NERGAARD, Siri (a cura di). *Teorie contemporanee della traduzione*. Milano: Bompiani, 2002.

POMA, Luigi; RICCARDI, Carla. *Letteratura Italiana: la storia, i testi, la critica, pagine di letterature straniere. Dal dopoguerra a oggi*. T. 3. Firenze: Le Monnier, 2001.

QUENEAU, Raymond. *I fiori blu*. Traduzione di Italo Calvino. 16ª ed. Torino: Einaudi, 2008.

Recursos online

FEDERICI, F. Italo Calvino comincia a tradurre Raymond Queneau: la traduzione creativa di un incipit. **The Department of Italian Studies, reading University and Department of Italian, Cambridge University**, 2007. *The Italianist*, 27 (1), pp. 80-98. Durham University Research Online (deposited in DRO: 28 april 2009). Disponível em: <<http://dro.dur.ac.uk/4800/1/4800.pdf>>. Acesso em 309 set. 2009.

GARCÍA GONZÁLEZ, Marta. *Tres traducciones de la Epistola ad Pammachium: análisis comparativo*. Universidade de Vigo. Faculdade de Filoloxía e Traducción. Universitat Autònoma de Barcelona Disponível em: <<http://ddd.uab.cat/record/609>>. Acesso em 30 set. 2009.

LEOPARDI, Giacomo. *Zibaldone di pensieri*. Disponível em: <<http://www.leopardi.it/zibaldone.php>>. Acesso em 02 maio 2009.

MOLTENI, Angela. *La poesia: Pasolini e la poesia dialettale*. [Casa Moretti, Cosenatico - Seminario del 7-8 marzo 2002]. Disponível em: <http://www.pasolini.net/poesia_dialettale.htm> . Acesso em 30 set. 2009.